

SERRA-PILAR

19 junho 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 12º Domingo | 1963

**50 ANOS  
DO CINCO  
MINUTOS  
DE JAZZ**

SÉRGIO  
MACHADO  
LETRIA  
FOTOGRAFIAS  
DE JOSÉ FRADE  
/EGEAC

**“Fiz o jazz entrar em casa das pessoas” José Duarte**

**Era a música odiada, mal vista. E amada por um grupo restrito de jovens aprendizes que a ergueram como bandeira. Um deles, JOSÉ DUARTE, aceitou dar-lhe existência cinco minutos por dia. “CINCO MINUTOS DE JAZZ” fez 50 anos (21-02-1966) e torna-se o programa de rádio mais antigo de sempre**

[www.serradopilar.com](http://www.serradopilar.com)

**N**UMA ERA EM QUE O IMEDIATISMO DITA AS REGRAS, SUBMETENDO A QUALIDADE DOS CONTEÚDOS A CRITÉRIOS DE AUDIÊNCIAS, assistir ao cinquentenário de um programa de rádio, que tem apenas cinco minutos de duração, «o tempo certo para dar a ouvir uma música jazz», nas palavras de JOSÉ DUARTE, com quem conversámos, e que ainda por cima nos traz em cada edição essa música que muitos ainda consideram estranha, justifica a celebração.

No final da noite de 17 de Março, o longo aplauso que acompanhou a subida ao palco de todos os músicos que participaram no concerto de celebração dos cinquenta anos do *Cinco Minutos de Jazz* na Festa do Jazz do São Luiz foi a melhor forma de fechar uma noite que foi de festa. E no punho erguido do seu autor da plateia para o palco ficou a síntese de um percurso ainda por terminar de demanda pela liberdade, sob a forma de música.

**50 anos depois da primeira emissão do *Cinco Minutos de Jazz* (CMJ), que balanço faz?**

A emissão é diária o que lhe dá um balanço, um *swing* evidente...

**Este não foi o seu primeiro programa em torno do jazz... Como surge então a ideia do CMJ, dedicado ao jazz e à música improvisada, ainda por cima numa rádio como a Renascença, católica e conservadora?**

O meu primeiro foi na Rádio Universidade, outra organização ligada ao regime então vigente, portanto mais do que conservadora. Chamava-se «O jazz, esse desconhecido», começou em 1958 e acabou pouco depois – o «Cinco» entrou pela porta principal.

**E como surge a escolha do tema de Lou Donaldson que serve de indicativo ao programa?**

Para indicativo e fecho de CMJ, o meu ouvido esquerdo (inexplicavelmente o menos bom dos dois!) escolheu, ao fim de prolongada audição de possíveis temas, «Lou's Blues» onde a percussão e os sopros entram com apelo.

**Em plena ditadura como foi recebido o *Cinco Minutos de Jazz*? Sabendo da forma como o poder via o jazz, sentiu pressões para lhe pôr um fim?**

Sobre o poder sei nada mas o povo reagiu mal e tal como hoje provou que o racismo existe neste país sempre cheio de esperanças... Choveu correspondência apócrifa chamando a mim traidor ou/e protetor dos terroristas, uma espécie de «Portugal vencerá»...

**A escolha dos temas que passa no programa sempre foi exclusivamente sua?**

Claro, mas gravada... Os textos que leio são meus e a escolha do estilo jazz desde o de New Orleans ao Free.

### **Como entra o jazz na vida do José Duarte?**

Pelo telefone, pois João Martins, um radialista para a História, telefonou dizendo-me: «queres fazer CMJ?». Disse que sim, foi fácil como lê!...

### **Como vê hoje o panorama do jazz em Portugal?**

Jazz não o vejo mas oiço. No meu país sou português «de coração e raça» como cantava quando era teenager no liceu Pedro Nunes em Lisboa e tinha aulas de canto coral – lembro-me que desafinava para ir para o recreio brincar ou a infantil resistência ao senhor Salazar). Hoje há escolas, concertos, festivais, instrumentistas jazz mas guitarras elétricas – como eles dizem – também.

### **E no mundo?**

O jazz sempre foi uma música popular entre minorias seja de que raça forem, é um esperanto musical.

### **No concerto dedicado aos 50 anos do *Cinco Minutos de Jazz* na Festa do Jazz do São Luiz, reparei que a palavra liberdade esteve no centro das palavras dos músicos que ali tocaram e bem representada no seu punho erguido no final. Que papel pode ter a música quando vivemos dias tão difíceis, de democracias sequestradas?**

Não estou a imaginar Laginha materialista dialético embora seja «da prática que surgem as ideias justas!»...

### **Conhecendo a sua ligação à escrita, com vários livros editados, entre os quais uma antologia que ligava o jazz à poesia [*Poezz*], que relação existe entre estas duas artes?**

*Poezz* é um livro com sucesso e cumo autores tem um grupo pequeno de entusiastas pela iniciativa «jazz na poesia em língua portuguesa». Relação, que eu saiba, não existe, apenas alguns poetas visitam jazz aqui e aco sol erro lá...

### **Para terminar, Portugal tem swing?**

Não!

Somos uma maioria quadrada.





A *Blimunda* pediu a Nuno Artur Silva, administrador da RTP, e aos músicos André Fernandes, Carlos Barreto, Filipe Raposo, Alexandre Frazão, Filipe Melo e Carlos Martins que respondessem a duas perguntas: O que são cinco minutos de jazz? O que são cinquenta anos de cinco minutos de jazz? As respostas chegaram, livres como se querem quando se fala de jazz, e são reproduzidas em seguida, em jeito de homenagem ao programa e a José Duarte:

**ANDRÉ FERNANDES:**

São 5 minutos num oásis radiofónico.

São 12000 minutos de um oásis radiofónico.

**NUNO ARTUR SILVA:**

O que é uma vida? 5 minutos de jazz.

O que é o jazz? Cinquenta anos a responder em 5 minutos.

**CARLOS BARRETTO:**

São 5 minutos de prazer que mais parecem 5 segundos.

Imortalidade?

**FILIFE RAPOSO:**

Para mim, pianista, habituado às artes da improvisação, 5 minutos de jazz são uma janela temporal onde constantemente me encontro e me perco.

Confesso que tenho alguma dificuldade em definir 5 minutos (de jazz). Circunscrever o tempo é uma tarefa quase impossível, quando se está mergulhado, encharcado, neste microcosmos que é a própria música. Talvez uma das melhores definições de elasticidade temporal.

5 minutos de jazz é um local onde ouvintes e intérpretes se encontram, num diálogo permanente em que a escuta é a premissa:

*O tempo é uma tira de elástico que estica e encolhe. Estar perto ou longe, lá ou cá, só depende da vontade.* José Saramago

O conceito de liberdade está na génese da palavra Jazz.

Acredito que, em 1966, quando o programa estreou na rádio Portuguesa, o significado silencioso de liberdade fosse um grito contido nos solos de John Coltrane ou Ornette

Coleman - música nova, estranha, até para a grande maioria dos ouvintes, mas que continha uma mensagem político-social. As normas da música erudita eram postas em causa nas linhas melódicas atonais de Coleman, onde a demanda do total cromático era denominador comum. Música com carácter rebelde que emancipava quem a ouvisse.

Durante 50 anos, muitas foram as transformações que ocorreram no jazz, mas também muitas transformações ocorreram na sociedade Portuguesa.

A minha primeira experiência jazzística acontece precisamente a ouvir o José Duarte. Admirável mundo novo que tinha de descobrir.

### **ALEXANDRE FRAZÃO:**

5 min de jazz é um programa de rádio pioneiro do lendário José Duarte que sempre se bateu por este estilo de música por toda a sua vida e até hoje. O programa apesar de ter apenas 5 min. (de cada vez) faz-nos bem a todos! E tem um papel importantíssimo no panorama radiofónico de Portugal. Após 50 anos o desejo e a esperança é de que se mantenha! E que não passe à história, como apenas uma boa lembrança. Parabéns José Duarte, um abraço.

### **FILIPE MELO:**

Cinco minutos de jazz são cinco grupos de sessenta segundos em que se pode ouvir uma combinação de sons, notas e ritmos que a história veio a designar como música «Jazz», essa que se celebra nos cinquenta anos do lendário programa radiofónico de José Duarte.

### **CARLOS MARTINS:**

Cinco minutos de jazz em rádio é um exercício quase impossível de encaixar em 5 minutos numa pequena conversa com faixas de discos que normalmente ultrapassam os minutos do programa. Das duas uma, ou o tema é cortado ou são escolhidos temas que não ultrapassam os 5 minutos. Na segunda opção o programa duraria pouco tempo já que, ao contrário da música comercial, os músicos de jazz têm, nos nossos dias, tendência a alongar a exposição e a improvisação sobre a temática apresentada e portanto há poucas faixas com uma duração abaixo dos 5 minutos. Esta tendência aparece curiosamente associada a um aburguesamento da cultura, ou seja, compra-se tempo e usa-se tempo que deveria ser deixado livre para respirar. Por outro lado a respiração criativa de grandes improvisadores não pode ser comprimida em meia dúzia de minutos. Portanto no caso dos 5 minutos de jazz o autor opta por cortar músicas que apresentam grandes momentos da expressão improvisativa que o jazz e outras músicas podem apresentar. De qualquer forma 5 minutos por dia 5 vezes por semana ao longo de 50 anos são 60000 minutos. Equivale a 1000 álbuns de 60 minutos com a história da música improvisada no nosso mundo. É uma obra imensa feita ao longo de 50 anos.

Há dois pontos aqui que sobressaem, um de carácter pessoal que remete para a perseverança, um ideal e alguma teimosia e outro de carácter comunitário e formativo. Porque é extraordinário como uma rádio pode entrar em casa e na vida das pessoas e como é possível num País dominado pelo fascismo entrar nessas casas uma música tendencialmente democrática, feita por indivíduos, à altura, maioritariamente negros. Tal só foi possível porque apesar da censura a teimosia e determinação de um indivíduo apoiadas na genuinidade da arte fizeram um caminho inesperado. É assim que a paixão trilha novos caminhos e permite aos indivíduos percecionarem o futuro através dos sonhos dos outros, nomeadamente dos sonhos de liberdade.

### **SÉRGIO MACHADO LETRIA**

In *Blimunda*, nº 48 (maio 2016). Fundação José Saramago.

# TEOLOGIA DE BRUCE SPRINGSTEEN

Os protagonistas das canções de Bruce declamam as suas (as nossas) minúsculas histórias de amor como monumentais epopeias de graça e redenção

**D**izer que BRUCE SPRINGSTEEN é o rock é repetir preguiçosamente apenas o óbvio. Bruce é, sim, um visionário, um poeta, o grande narrador do romance americano. No conjunto da sua obra pode detetar-se uma indecisão entre versos a abarrotar de imagens abstratas, flashes picados sobre paisagens irreconhecíveis e golpes de pendor narrativo, que nos trazem histórias com uma precisão idêntica à da luz que os mineiros usam para escorregar fundo na escuridão. Numa coisa e noutra, porém, assistimos ao mesmo prodigioso trabalho de linguagem, à mesma sucessão oceânica, ao realismo solto por instinto como a lembrar-nos que ele é um rocker, claro, mas também um sobrinho de Walt Whitman, de John Steinbeck ou de Flannery O'Connor.



A quem pareça excêntrico um título como este, “A teologia de Bruce Springsteen”, o que pensará quando descobrir, disseminado por várias geografias, a existência de um extenso repositório de ensaios teológicos sobre o assunto! E textos que vêm a lume não em

micropublicações para fanáticos, mas em periódicos indiscutíveis como o “*Theology Today Journal*”, da Universidade de Princeton, ou “*Civiltà Cattolica*”, a mais importante e icónica revista dos Jesuítas. Que interesse tem Bruce Springsteen deste ponto de vista? Há o informe biográfico, claro. As raízes irlandesas, a educação familiar, a escola católica em criança, o imaginário bíblico transmitido com naturalidade pelo contexto cultural, a rutura com esse mundo e um reencontro reconfigurado mais tarde, já com uma dicção ardentemente singular, mas regressando às referências religiosas de origem como gramática para exprimir isto que somos sobre a terra. Entalados no quotidiano urbano mais cru ou perdidos nos bosques, entre a infâmia, o sonho e a raiva, os protagonistas das canções de Bruce ganem a fome de resgate, a espera por aquele que os poderá livrar do mal. Ao mesmo tempo que declamam as suas (as nossas)

minúsculas histórias de amor como monumentais epopeias de graça e redenção.

---

## A QUEM PAREÇA EXCÊNTRICO UM TÍTULO COMO ESTE, O QUE PENSARÁ QUANDO DESCOBRIR A EXISTÊNCIA DE UM EXTENSO REPOSITÓRIO DE ENSAIOS TEOLÓGICOS SOBRE O ASSUNTO!

---

Penso que não interessa tanto catalogar religiosamente o universo do Boss quanto sentir nele a inclassificável trepidação de Deus. Lembro-me de várias passagens, onde a inquietude desenha a linha de fogo de uma salvação desejada, mesmo se não atingida. Penso no álbum *“The River”* (1980), quando Bruce descarrega em labaredas lentas este fragmento de oração: “Quero que Deus me mande uma palavra/ mande uma coisa qualquer que eu sinta medo de perder”. Ou em *“Nebraska”* (1982), ao volante numa noite de chuva pedindo que alguém escute o grito: “livra-me do nada”. Ou em *“Tunnel of Love”* (1987), com o coração estilhaçado pelo fim de um amor, mas ainda assim disposto a transformar o drama em invocação: “Esta noite a nossa cama está fria/ Perdi-me na opacidade do nosso amor/ Deus tenha piedade do homem/ Que duvida daquilo que é seguro”. Nesse disco, Springsteen canta que uma parte dele tende a fazer coisas que ele próprio não entende. E as expressões que usa não estão longe do lamento de São Paulo na Carta aos Romanos: “Que miserável homem eu sou! Quem me livrará deste corpo de morte?” (Rm 7,24).

Sobre a luz, Bruce terá algo a contar mais tarde na coletânea *“Lucky Town”* (1992), quando a alegria da paternidade o empurrar para o verdadeiro salmo jubiloso que é a canção *‘Living Proof’*: “Uma noite de verão num quarto às escuras/ entrou uma parcela mínima da luz eterna do Senhor/ gritando como se tivesse engolido a lua acesa/ Nos braços da sua mãe era toda a beleza possível/ Como as palavras que faltam a uma oração/ que não serei capaz de inventar”. Mesmo se no disco seguinte voltem a morder as velhas dúvidas: “Meu Jesus, o teu amor misericordioso e a tua piedade/ esta noite, perdoa-me, não conseguem encher-me o coração”. Escrever o poema de Deus para apagar o poema de Deus. Apagar o poema de Deus para escrever o poema de Deus. Ou, como ensina o mestre BRUCE SPRINGSTEEN, “it takes a leap of faith to get things going”.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA. Padre. Poeta.  
In *Revista E-Expresso*, 14-05-2016.

# Traficar com o sofrimento dos outros

Vem esta nota a propósito do caso da taróloga que, a uma senhora que se lhe queixava de violência doméstica antiga e reiterada, num dos nossos canais de televisão, lhe receitou que aceitasse a situação e fizesse mimos ao marido.

A publicidade a mezinhas e produtos ‘milagrosos’ e a charlatanice de quem se aproveita das misérias humanas para prometer este mundo e o outro são, diria eu, tão velhas como o próprio mundo. Resultam de um jogo perverso entre a credence e a exploração do semelhante. Quando estes velhos processos são transferidos para canais de televisão em sinal aberto, introduz-se no circuito um outro factor, que consiste em oferecer aquele jogo em espectáculo.



Vem esta nota a propósito do caso da taróloga que, a uma senhora que se lhe queixava de violência doméstica antiga e reiterada, num dos nossos canais de televisão, lhe receitou que aceitasse a situação e fizesse mimos ao marido [a propósito: o que deu brado nas redes sociais e, por reflexo, na imprensa, foi este episódio; mas o que é preocupante é o conceito e o padrão do próprio programa].

É provável que haja, da parte de alguns dos que buscam expor os seus dramas e sofrimentos na praça pública, um misto de descrença em caminhos mais razoáveis para enfrentar as situações e de um desejo mais ou menos secreto de mostrar e ‘vender’ a própria desgraça. Mas os responsáveis pelos programas são os primeiros responsáveis por esta traficância com o sofrimento dos outros, ainda que nos caiba, enquanto cidadãos, o papel de manifestar o protesto e a indignação.

E isto porque as práticas abusivas de alguns canais, vistas através de casos dos últimos anos, têm contornos muito mais vastos: passam igualmente pela pressão (ainda que a desacelerar) das chamadas de valor acrescentado; pelas práticas enganosas de alguns concursos, que dão a entender aos espectadores que os prémios são em dinheiro, quando isso não acontece; ou ainda pela publicidade a produtos de saúde que vendem gato por lebre e que, apesar da denúncia de entidades credenciadas, continuam a ocupar os blocos de anúncios.

Não tenho dúvidas de que estes e outros procedimentos abusivos têm de encontrar pela frente instâncias atuantes, quer no plano ético quer no da regulação. Mas entendo que é sobretudo pela acção esclarecida e crítica, individual e coletiva, que se fará sentir aos operadores que, por maiores que sejam as dificuldades económicas, não vale tudo para conquistar audiências.

MANUEL PINTO. Professor universitário.

[http://www.rr.sapo.pt/artigo/55914/traficar\\_com\\_o\\_sofrimento\\_dos\\_outros](http://www.rr.sapo.pt/artigo/55914/traficar_com_o_sofrimento_dos_outros) (06.06.2016)